

ANNO 4

SABADO 4 DE MARÇO DE 1871

N. 166



3-3-71  
3-3-71

# VIDA FLUMENSE

Folha Ilustrada

ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR

52 - sobrado - 52

CORTE

PROVÍNCIAS

Trimestre  
Semanal  
Ano

55000  
105000  
205000

Semestral  
Ano  
Avulso

118000  
218000  
18000



Os Fazendeiros notáveis  
O Comm<sup>r</sup> José Pereira de Faria  
(vide o teatro)

## A VIDA FLUMINENSE

RIO, 4 DE MARÇO DE 1871.

Deu-se há oito dias na *Phenix Dramatica* um facto inteiramente novo nos annos da scena brasileira.

Representava-se, em primaria recta, o drama—*O Condenado*, ultimamente escrito pelo litterato português Camillo Castello Branco, e por elle dedicado ao seu amigo Vieira de Castro.

Logo no escrever começaram a affluir o povo, e antes das 8 horas já era tal o aperto, que com dificuldade podia qualquer pessoa conseguir uma cadeira em que se sentasse.

Quando levantou-se o piano a enchente era real.

Começou a representação, porém, logo mas primeiras scenas, nas primeiras palavras mesmas, patenteou-se o descontentamento da plateá, a principio como um simples sussurro, depois com protestos em altas vozes, e finalmente com uma patetica tremenda, tão tremenda como não ha memoria nos nossos teatros.

Nas cadeiras, nos gumes, nos corredores, nas galérias e até nos camarotes, em todos os lugares, em summa em que estavam os espectadores, não faltou quem tomasse parte mais ou menos activa na reprovação.

Por tal forma subiu de ponto o barulho que a autoridade policial viu-se na contingencia, não só de prohibir a continuação do espectaculo, mas até de ordenar que a peça fosse desde logo retirada de scena, com o que mostrou-se satisfeito o publico.

O emprezario da *Phenix Dramatica*, cremos, não recebeu com as mesmas demonstrações de jubilo uma tal imposição policial.

O facto prececaalguns comentários. Fal-los-hemos nas linhas que se seguem.

Ninguem ignora, e temos prazer em reconhecer-l-o aqui, que aos espectadores assiste, em sua maxima plenitude, o direito de patecar uma peça que lhe não agrada.

Duns são, porém, as causas que, em geral, podem motivar uma reprovação por parte do publico, a saber:

1.<sup>a</sup> Os sendos litterarios do trabalho dramatico ou comicó, que se lhe apresenta.

2.<sup>a</sup> Sua má interpretação artistica.

No *Condenado*, porém, nemhuma dessas duas causas actuou no espirito dos que patrevam.

Ninguem desconheceu a pureza da linguagem e as bellezas de estilo da ultima producção do talentoso Camillo Castello Branco.

Ninguem também desconheceu os esforços, enviados pelos artistas da rua da Ajuda, para desempenharem satisfactoriamente o drama, que um mês antes merecera os maiores encorajos da critica lisbonense.

Porque, então, desencadearam-se tão terríveis sobre o *Condenado* as iras de uma plateia inteira, plateia selecta, composta, por assim dizer, da nata da nossa mocidade intelligente e estudiosa?

## Porque?

Porque o assumpto da peça é a copia fiel de um triste acontecimento ainda muito recente, que afecta dolorosamente uma família, cuja dor devemos todos respeitar!

Porque é um punhal, hervido de calunias, que se revolte na ferida ainda aberta no coração de uma infeliz mãe!

Porque no *Condenado* o palco scénico transforma-se em sala de jury, porém de jury excepcional, inumano, barbaro, em que a vítima não achá uma voz que se levante para defendê-la, em que todos os elogios são para o marido que mata, todos os vituperios para a inútil que morre!

Porque, enfim, Camillo Castello Branco não escreveu um drama, mas 'apenas um *libello accusatório* contra a virtude da esposa assassinada!

Teve, portanto, sobejâ razão o publico em protestar solemnemente, como protestou, contra a representação do *Condenado*, não servindo de desculpa nem ao autor, nem ao emprezario da *Phenix*, nem ao Conservatorio Dramatico Brasileiro o passar-se a noção do drama in vinte minutos.

Se bem que não venham citados nem uma só vez os verdadeiros nomes das duas personagens, as ilusões são de modo transparentes para deixarem a menor dúvida sobre a intenção do autor.

E se tudo isso não bastasse, ali está faltando bem alta a carta, que precede o drama, e que é dirigida a Vieira de Castro. Nella Camillo Castello Branco desabafa a nesciencia.

Mas se, por um lado, é verdade que o publico tem o *direito* de patecar, não é menos verdade, por outro lado, que os emprezarios tem também o *direito* de propriedade sobre as peças que ensaiam e põe em scena com grandes sacrifícios pecuniários, e que à ninguem deve ser facultada a liberdade de atentar contra essa propriedade, quando os emprezarios, na *escrita das peças de que fazem uso, satisfazem todos os preccitos da lei*, como se deu no caso veritante.

O Sr. Jacintho Heller poz, em ensaios um drama APROVADO pelo Conservatorio Dramatico e com o visto da polícia. Despendeu com os ensaios e *nisse en scene* muitas centenas de mil reis. E quando ia começar a auferir as vantagens do seu trabalho e do seu capital empregado, receber a intimação de retirar da scena a peça, intimação que lhe foi feita por aqueles mesmos que a aprovaram!

O conservatorio confessou que leu a *cochilar* o drama

em questão, e a polícia declarou sem rebuço que poz

*o visto sem bico*.

Mas quem sofre as consequencias destas duns levianidades é o emprezario da *Phenix*, que foi entre tanto o unico que não *cochilou*.

Era preciso que tivesse nascido o Conservatorio Dramatico Brasileiro para dar-se o que se deu.

A' vista do encarniçamento com que se atiraram

todos sobre o *Condenado* acho acertado chama-lo de ora avante *O Cão damnado*.

Não lhes parece?

E não peço alvocaras pelo achado.

Eu cá sou assim.

A. DE C.

—~~SECRETARIA~~—

### Os fazendeiros notáveis

I

JOSÉ PEREIRA FARO

Nas margens do rio Parahyba, nos municípios de Valença e Vassouras, achain-se situadas as vastas propriedades rurais do commandador José Pereira de Faro, cujo retrato vai estampado no rosto da nossa filha dehoje.

Cavalheiro distinto e inteligente, revelam suas maneiras, logo à primeira vista, a educação primorosa que recebem n'um dos melhores collegios da Europa; e aquele olhar vivo e penetrante, e a energia de seu carácter bem mostram que os ares da corte não lhe afeimaram a alma.

Effectivamente assim devia ser para quem possue propriedades tão vastas e importantes, como as de *Sant'Anna*, *Alliana*, *Mont'alegre* e *Ibicaba*, onde a plantação sobre a mais de quatro milhõezes de pés de café, cultivados por cerca de mil captivos, e onde a ordem dos trabalhos e a superioridade dos produtos abonam o tino administrativo do seu proprietário.

Quanto a mim, nas empresas rurais especialmente, o tino administrativo é a principal qualidade do agricultor. Sem elle toda a teoria, embora perfeitamente combinada, apresenta resultados negativos quando levada à prática: sem elle, e sem essa facilidade de prever o mal para remedial-o a tempo, não há lavoura que apresente resultados progressivos e satisfatórios. Fazer convergir todas as forças productivas para um fim positivo, tal é, na opinião dos homens autorizados, o segredo em que o agricultor deve iniciar-se para obter as vantagens que a terra jamais recusa a quem sabe amanhã-l-a intelligentemente.

Visitando qualquer das fazendas do commandador Faro a administração inteligente revela-se a cada passo.

As plantações são tratadas com o esmero preciso; os generos beneficiados de sorte a merecerem mais 10%, quando descem ao mercado, e a escravatura, toda nedja e contente, presta-se ao serviço com a dedicação, que o escravo não está longe de sentir, quando regido por um regulamento onde as leis da religião, da humanidade, e da hygiene são attendidas na sua maior plenitude.

Embora o café constitua o principal elemento das colheitas do commandador Faro, embora elle devo à superioridade desse genero a grande medalha de ouro, que lhe foi conferida na exposição de 1861; não desconhece, entretanto, o fazendeiro de que se occupa este artigo, a necessidade de plantar feijão, arroz, cana, milho e mandioica em escala precisa não só a

alimentar o seu enorme pessoal, como a abastecer por vezes o nosso mercado.

Além disso, nas suas propriedades, encontra-se uma infinidade de melhoramentos que recommendam o commandador Faro como industrial, que preza o progresso do seu paiz, honra a sua pátria, e respeita as tradições de sua família. Por exemplo: tudo quanto é tendente a evitar o emprego de braços, e de que tanta falta ha no paiz, tem sido attendido; e o beneficiaimento de seus cafés, sempre avidamente procurados pelos exportadores, deve-se ao emprego intelligente das máquinas de *Lidgwood*, cujas vantagens são hoje proclamadas por quantos delas se servem.

José Pereira Faro não tem feito grandes tentativas sobre colonização, mas não recusa terras ao homem trabalhador que venha pedir-lh'as. Nas suas fazendas encontram-se associados livres, que trabalham de parceria, cujo numero é talvez superior a cem.

Para terminar:

O retrato que ora a primeira pagina do nosso semanario, é o do homem que ama o trabalho, e só no trabalho vê o meio de garantir a seus filhos um nome honrado desde o primeiro Imperio.

A sua mão não está calosa pela rabiça do arado que abre os sulcos de agrestes terrenos; mas na expressão de sua physionomia revela-se o trabalho incessante de um tumultuar de pensamentos que por toda a parte e em todos os lugares a companhia aquelles que tomam sobre si o pesado encargo de administrar propriedades importantes, attendendo zelosamente aos melhoramentos que mais convém adoptar, e ao desenvolvimento de ideias novas, que embora condennadas pela *rotina*, apresentam resultados vantajosos se a intelligencia e perseverança as seguem de perto na sua applicação.

O proverbio — *muito trabalha quem manda* — tem um fundo de verdade que só pode ser apreciado por aquelles que assumem a responsabilidade moral dos diferentes e complicados ramos de qualquer administração. Relativamente à agricultura, é de inteira justiça confessar que a pontas cabem tão bem o proverbio como ao commandador Faro, que, graças à sua intelligencia, perseverança, e amor ao progresso tem sabido illustrar-se a si, e aos seus.

A. DE A.

—~~SECRETARIA~~—

### O Juiz Municipal Miguel José Tavares

I

Um caractér energico é causa não vulgar mas não nos entusiasma; a energia, de ordinaria, realiza fins sem escolha de meios: realiza tudo com sacrifício de tudo. Os caracteres energicos estragam o futuro na destruição de um mal presente; e o povo propenso aos factos não enxerga o abysmo, que estes homens de ação vêm cavando na pureza dos principios, que devem conservar intactos fora da lei das conveniências.

A energia não nos inspira, o menor entusias-

A VIDA FLUMIXENSE



O publico tomou tanto a peito  
a ordem do infeliz tribunal,



Epílogo do drama

Empregario. — Eu que contava com tantas  
encontres, sem me lembrar que um  
condenado só pode ser executado uma vez!  
Tribunal. — Que fiasco fizemos! A primeira  
sentença literaria que proferimos... foi de morte!



*A nova Hydra de Lerna  
ou auspicioso futuro do Império Alemão.*



?

*Situação política desta semana.*

mo: — quasi sempre a temos visto caminhar a par da leviandade, embora por causa della muita gente haja obtido foros de *grandes administradores*.

O acaso tem também seu quinhão na escala do merecimento.

Mas o acaso e a energia dão factos, e nós queremos actos que revelem um pensamento nobre, grande e previdente.

III

O rasgo generoso de um pensamento elevado que examina o facto, e calcula o direito, é o característico desse acontecimento que se destaca no meio das vulgaridades de uma sociedade anã, mosquinhala, egoísta e tacanha contemplando, impassível, os horrores da prostituição-escrava, sem erguer a voz contra o abuso que a permitiu.

Um homem energico, sem tir-te nem guar-te, podia, armado do poder policial acabar com semelhante escandalo.

Era uma medida regulamentar e nada mais: o princípio ficava em pé, e amanhã o direito de propriedade arvorava de novo o estandarte da prostituição, e os especuladores sem fôlego nem temor continuavam a explorar, na vida plástica das escravas, os juros compostos e a decuplicada amortização do capital empregado.

Foi nestas circunstâncias que o Dr. Miguel José Tavares por termo ao abuso desse direito de propriedade tantas vezes invocado, quantes mystificado.

311

O Dr. Miguel José Tavares não é homem da energia, mas é o homem da calma e da coragem reflectida. Vendo de um lado o escândalo da prostituição encabeçado na legitimidade de uma industria livre: de outro lado o direito de propriedade protegido pelas tradições de rugosas frontes encanecidas no manuscrip. em folhas de um direito do tempo de Augusto ou de Theodosio, já louje carcomido polas conquistas da civilisação, que vao dilatando o civilismo a todas as classes da sociedade.—o Dr. Miguel Tavares, com a prudencia necessaria, estudo as bases do direito, e nos julgados analogicos dos tribunais superiores do paiz exhibiou o direito de *curatella*, para de vez limitar esse direito de propriedade, e para todo o sempre abrigo da mercancia escandalosa o pudor natural da mulher que, escrava, livre ou liberta tem um arbitrio natural e inalienável que todas as combinações do direito civil não podem usurpar, por isso que a natureza repelle-as e a moral condena-as.

IV.

O juiz municipal, nomeando curadores a essas máquinas de prostituição que euxameavam as colônias das abelhas mestras, arrancou os ferros aos zanganos que, envergando saia ou casaca, zumbem contra a medida, a que chamam arbitriação, e desbalde formam conlóios para desprestigiar um juiz que por amor de um princípio santo e eterno quer establecer a verdadeira e única interpretação jurídica do direito da propriedade regida pelas leis da moral e da religião.

E entretanto o Dr. Miguel Tavares apenas exige o julgamento entre a acusação, feita pelo curador da vítima e a defesa do alzog. Respeitando a propriedade, procedo conforme o direito: procure a inocência e só encontro delitos! Não abre os postigos falsos de uma vida íntima para vir syndicar de uma indústria immoral, que se diz no abrigo da constituição, limita-se a estabelecer a curatella e a apreciar os monstruosos relatórios de tão infando tráfico.

v

Tão jovem ainda o Dr. Miguel Tavares é já velho na prudência.

Para realizar um *ris* basta um pouco de energia, mas escolher o meio que concilie a realização do *ris* com a salvaguarda de um princípio constitucional e o que caracteriza a habilidade de um estadista.

Ninguém, afontoumente o dizemos, ninguém conseguiu jâmais tanto em tão pouco tempo. Elle, unicamente elle, não como autoridade policial, mas como juiz recto e inabalável, não só exterminou um escândalo injustificável mas estabeleceu os limites do direito de propriedade regendo-o pelas leis da moral e da humanidade.

Além disso, provocou a manumissão de mais de cem desgraçadas que se enlameavam no vício para ajaear as berlindas de seus senhores e alimentar a crápula da devassidão.

Se um magistrado por este acto não merece *incontinenti* a consideração dos poderes do Estado, não lhe negue, no menos, a imprensa justa e imparcial o quinhão de glória a que elle tem direito pelo seu muito amor á sociedade, á moral, á religião e á humanidade.

O nome do Dr. Miguel Tavares, embora execrado hoje por todos os escravocratas-especuladores, será sempre acatado pelos abolicionistas, e abençoado por todos quantos amam Deus, a pátria, e a liberdade.

J. R. M.

መ/ቤተ/ክርስቲያን

卷之三

18 3 2

O pouco acolhimento que tiveram seus ensaios na arte dramática, o sarcasmo dos companheiros, a miséria que a cada passo se lhe antolhava medonha, e outras tantas contrariedades as que o estreante esteve sujeito, não tiveram força para demover Ernesto desse sonho de fama que se produzira.

Ao contrario, cada vez mais convencido de que não errara o caminho, abandonou elle os companheiros, que tanto haviam procurado esmagar-lhe a vocação, entrou para a companhia de outros que trabalhavam em alguns theatros de Italia com geral aceitação.

Denominava-se esta companhia—*Calloud, Fusani e Marchi*—e dirigia-se então para Genova, onde a tinha vantajoso contracto.

Foi naquela cidade que Ernesto Rossi viu pela primeira vez Gustavo Modena!

Vê-lo, admiralo e dirigir-se a elle com a submissão do discípulo, que encontra assim o mestre capaz de guiar-lhe os passos e iniciar-o nesses mil segredos da arte, que, uma vez sabidos, fazem do artista um semi-deus, foi tudo obra de um instante.

Foi lisongeiro o acolhimento feito pelo grande artista no herói deste estudo biográfico, Gustavo Modena não só lhe prognosticou os triunfos que o guardavam, como se propôz a ensiná-lo tudo quanto pôde ensinar-se a um discípulo predilecto.

Rossi escutou com avidez os conselhos do grande mestre, procurou imitar a pouco o modelo grandioso que a fortuna lhe fizera separar, não dei-xou escapar a ocasião de copiar a verdade e grandeza do gesto e dação do artista, cuja morte prematura toda a Itália ainda hoje deplora.

Ao contemplar as glórias de Gustavo Modena, viu elle que não eram phantasticos os sonhos donrados de sua imaginação.

A dúvida banio-se, pois, da sua alma, substituída pelo desejo fértil de chegar onde Modena chegaria. A arte tornou-se a sua idéia fixa, o estudo sua ocupação predilecta, e por mais ardor que o trabalho fosse, dava conta dele com tanta satisfação que os próprios companheiros, embora invejoso do lugar distinto que Rossi conseguia ocupar entre elles, viam-se obrigados a dispensar-lhe os encumios a que tinha direito os irresistíveis impulsos da sua vontade.

Afinal, entrando para a *companhia* de que era Modena o principal ornamento, formou-lhe por este confiados os papéis de Pilades, no *Oreste*, David, no *Saul*, e Nemours, no *Luiz VI*. A interpretação de qualquer delas foi tal que o público e a imprensa de Génova, a de Turim, em breve o proclamaram um dos mais intelligentes representantes da arte dramática.

(Imitado do *Italiano*.) (Continua.)

A. de A.

## Notícias e expediente.

A Philharmonica den a 27 de Fevereiro um concerto que mereceu os encumios do imenso auditório que encheu as salas daquela brillante sociedade.

No armazém do Sr. Moncada achou-se exposto um retrato do finado violinista Gravenstein.

E' trabalho do Sr. Duarte, discípulo da nossa academia, e o prenunciou certo de um talento vigoroso.

Subiu à scena no theatro francez a decantada operetta *Le serpent a plumes*.

Cham, o author do poema, não desmente no teatro, o espirito de que tem sabido até hoje revestir as suas caricaturas.

Delibes, na parte musical, justifica a voga que lhe tem grangeado as suas facetas compostas.

Tratando da interpretação não há elogios de sobra para Rosier e Dubois, a quem se deve em parte o grande sucesso da opereta.

Fomos obsequiados com dous folhetos.

O primeiro intitula-se *Typos políticos* e é devido a pena do Dr. Albino dos Santos Pereira.

No segundo trata se de estudar as causas do abatimento do exercito. Seu author deu-lhe o nome de *Desgosto e depreciamento das fileiras*.

Agradecemos cordialmente ambas as offertas.

Da REDACÇÃO.

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

### O BUSTO

ROMANCETE POR EDMOND ABOUT.

CAPITULO II.

(Continuação.)

Victorini, sua tia, o Sr. de Marcal e o marquez de Cinciano assumido instantes antes na porta da sala de armas; se não fosse a subita aparição das quatro personagens a discussão teria continuado de forma deplorable e desgraçada em brigas.

Não tem que ver! E' o cavaleiro da princesa estalante! pensou Victorini.

Depois que Daniel foi apresentado ao marquez, ele se aproximou de elle e segredou ao ouvido:

— Sr. Daniel, prohibilhe de expôr sua vida.

— Oh! Vou sim esta rapariga ataca-me os nervos! murmurou entre dentes o artista.

IV.

Durante o jantar o marquez estimulava com interesse a physionomia de Daniel; o Sr. Leffebure traduziu friamente: o Sr. de Marcal não é com a estufa-facial com que os franceses nutrem as souborninas chinesas; a Sra. Michaud alegava-o em todos os tons, e Victoria extasiou-se diante delle.

Daniel, por seu lado, só cuidou em comer, e comentou que foi um gosto.

Depois do jantar, como é natural em um abo de casa que esteve ausente durante quinze dias, o Sr. de Gueldan precisou convidar com sua irmã.

Victoria, deitou de suspeitas que se trataria della nova confidência; por isso tomou a querelona; pegou em um livro e fingiu que lia. O Sr. Leffebure e Marcal, que se divertiam muito comum, paузaram-se a combinar os meios de cortar as vassas a Daniel. O artista, porém, desculpou-se sempre, deitou-se mais cedo do que podia.

Minha cara Ida — disse — disculpe a Sr. Michaud! — saiu-lhe tais desejos: ali um concubine, que não sou eu, nem principalmente sem ridículo, consentindo na simultânea presença aqui de dous pretendentes. Porém vejo com espanto que a questão não adianta o passo, apesar tanto andar a museante. Em que por estes as coisas? Que é que é que é?

Dir sempre o mesmo: isto é, não preferir palavras. Sempre o mesmo silêncio! Mas bastará que Victorini tenha um vigilante de juiz para escolher o Sr. de Marcal. Ainda ha tres dias disse-lhe eu, o velho cérebro de repente a quem me quer ouvir: «uma mulher deve ser casada com um homem que tem um nome». Se nisso podes andar por toda a parte sem sonhar-nos — minhas leves hesitações lanciam arranjo consigo o seu nome. Era uma sala, os que a veem dançar não indagam se seu esposo é alto ou baixo, gordo ou magro, moreno ou ruivo, perguntam sómente: «Comes-se chama aquela linda mena?» e eu respondo: «O nome? Olá, o nome é...». Dirás que é um absurdo de todos.

— ora, qual! Fabricam-se agora nomes de ma dia para outro e...

Enfim deve-se desprezar o brilhante, só porque fazem-se joias com pedras folhas? Ha cinquenta nomes que te chamas marquez de Gueldan; estás com o palavrão estragado?

(Continua.)

A VIDA FLUMINENSE



Corre o bolo, desde a chegada do R.º Srº Bispo, que o Tapa desiste de parte das grandes riquezas do Jubileu de S. Pedro em favor dos infelizes católicos de França, tão desgraçados pela Guerra. Sua Santidade, não conciente com essa prática da mesma virtude Christo - a Caridade, recomenda também aos pais que, em vez de mandar suas doações como costumam, os enviem para a França, e que se encarreguem de trá-los e de fornecer.